

# ECOFORMAÇÃO AMAZÔNIDA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES ENTRE SABERES E ADVERSIDADES NA E DA AMAZÔNIA LEGAL\*

## ECO-TRAINING AMAZONIAN: REFLECTIONS AND POSSIBILITIES BETWEEN KNOWLEDGE AND ADVERSITIES IN AND FROM THE LEGAL AMAZON

Kênia Paulino de Queiroz Souza 1  
Maria José de Pinho 2

**Resumo:** O contexto educacional amazônida é permeado por grande adversidade que envolve dimensões culturais, políticas, sociais, econômicas, ambientais. Entre saberes e adversidades nesse âmbito educacional, questiona-se: a ecoformação pode ser uma proposição de formação que as enfrente, ao reconhecer a diversidade amazônida? Diante dessa problemática, esse trabalho tem por objetivo refletir sobre uma perspectiva ecoformadora amazônida em contexto educacional. A partir de uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa, dentre os mais variados aportes teóricos, buscamos dialogar com autores da região amazônica, além de nacionais e internacionais. Esse diálogo propiciou a compreensão de que a perspectiva ecoformadora se pauta em uma formação integral do sujeito tendo como finalidade partir das vivências do indivíduo e se efetivar pela própria vida. Dessa maneira, acreditamos que a ecoformação reconhece as adversidades da experiência humana e se interconecta com diferentes saberes e contextos para formar-se com e para a vida humana e planetária.

**Palavras-chave:** Educação. Ecoformação. Amazônia Legal. Amazônida. Adversidade.

**Abstract:** The Amazonian educational context is permeated by great adversity involving cultural, political, social, economic and environmental dimensions, among many others of life. Among knowledge and adversities in this educational context, can eco-training be a training proposition that faces them by recognising the Amazonian diversity? In view of these problems, the aim of this paper is to reflect on an Amazonian eco-training perspective in the educational context. Based on a qualitative literature review, with a qualitative approach, among the most varied theoretical contributions, we sought to dialogue with authors from the Amazon region, as well as national and international authors. This dialogue led to the understanding that the eco-training perspective is based on a comprehensive training of the subject and aims to start from the experiences of the individual and become effective through life itself. Thus, we believe that eco-training recognises the adversities of the human experience and interconnects with different knowledge and contexts to form with and for human and planetary life.

**Keywords:** Education. Eco-training. Legal Amazon. Amazônida. Adversity.

---

\* O artigo é recorte da pesquisa de doutoramento do Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia – PGEDA, polo Palmas/UFT.

**1** Doutora em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutoranda em Educação na Amazônia (UFT). Mestre em Educação (UFT). Diretora do Câmpus Paraíso da Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4796133608743012>. ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-7352-824X>. Email: [keniaqueiroz06@hotmail.com](mailto:keniaqueiroz06@hotmail.com)

**2** Pós-doutora e Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e do Programa EDUCANORTE/PGEDA, polo Palmas - UFT. Membro da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7113857811427432>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580>. E-mail: [mjpgon@mail.uft.edu.br](mailto:mjpgon@mail.uft.edu.br)

## Introdução

O objetivo de refletir sobre uma perspectiva ecoformadora amazônida em contexto educacional é o que nos move a observar intensamente a dimensão planetária atual, em especial a amazônica, a qual instiga reflexões que vão além dos cenários isolados para se pensar contextos interconectados como pontos de partida de discussões para um processo formativo.

Esse ponto de vista nos motiva a percorrer caminhos em que se priorize a vida e mova-se por ela, conforme é proposto pela perspectiva ecoformadora se propõe.

Essa perspectiva ecoformadora se constitui em uma formação integral do ser humano que se interconecta com o indivíduo, a sociedade e o planeta (NAVARRA, 2008). A ecoformação apresenta elementos conectores com a epistemologia do pensamento complexo (MORIN, 2015b) e da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999).

A conexão com o pensamento complexo acontece pela religação da multidimensionalidade da vida humana e natural, além dos saberes fragmentados. Ele também se conecta com a transdisciplinaridade pela reintrodução do ser que pensa, sente e promove a transição e a religação dos conhecimentos científicos e demais saberes que fazem parte da formação humana, profissional e da vida. Dentre essas formações, falar de um processo que se prontifica a se interconectar com diferentes cenários e à multidimensionalidade da vida nos desafia a ser e estar nele, principalmente ao conectá-lo com o espaço territorial e sociocultural da Amazônia Legal, a nossa Amazônia brasileira.

Para a condução deste estudo, optamos metodologicamente pela abordagem qualitativa, considerando a interpretação, o contexto e a subjetividade (GONZÁLES REY, 2002), para uma revisão de literatura amparada em autores nacionais, internacionais e, principalmente, da região norte do Brasil, da Amazônia Legal.

Dentre os aportes teóricos utilizados estão as produções de Aragón (2018), Colares (2011), Morin (2015a, 2015b), Moraes (2019), Navarra (2008) e Souza e Pinho (2016), que fortalecem as diferentes interligações desenvolvidas nesta discussão.

Um dos pontos de indagação deste trabalho se pauta na compreensão de qual perspectiva de ecoformação se apresenta a partir desse olhar vindo da região estudada. Assim, estruturamos este texto em partes interconectadas, com o intuito de abordar essa e outras indagações e contribuir para diferentes reflexões formativas. Para tanto, dividido em quatro subtítulos, o artigo apresenta a parte introdutória, a Amazônia Legal, a perspectiva ecoformadora amazônida, e a parte das considerações finais.

## Entre as Amazônias está a nossa brasileira, a Amazônia Legal.

As construções do conhecimento são como tessituras de inúmeros fios, em que cada uma delas parte de seu lugar próprio, interligada a um momento histórico único e se conecta a múltiplos contextos. Nesse sentido, justificam-se produções que priorizem reconhecer e partir do nosso próprio contexto, nesse caso o amazônico.

Embora diferentes grupos tenham se preocupado com a vida planetária e tenham levantado bandeiras no sentido de conscientizar a população, em geral, quanto a viver de forma sustentável, principalmente em relação à Amazônia como um bem comum, essa ideia de sustentabilidade deveria ir muito além da dimensão ambiental e abarcar a dimensão humana, assim como a formação da vida e de uma cidadania planetária.

Situando referente ao termo amazônida abordado nesta reflexão, Silva e Mascarenhas (2018) contribuem com a discussão sobre a multiplicidade de conceitos do termo Amazônia, como utilizados em contextos geográficos, históricos, idealizados, dentre outros.

A palavra Amazônia tem diferentes significados, para Aragón, (2018, p. 24) “simboliza meio ambiente, ecologia, índios, populações tradicionais, floresta, oxigênio, água, biodiversidade, preservação etc., e, nesse sentido, o que importa não é a representação física, mas o valor simbólico que leva seu nome”.

Dentre tantas representações da Amazônia, tanto regionalmente quanto internacionalmente

(ARAGÓN, 2018), o que mais se intensifica, em nível global, são seus recursos naturais em interrelação com a sobrevivência humana. Perceber essa interconexão com o seu valor imaterial é um dos indicativos das relações que se processam por meio da perspectiva ecoformadora ao se pensar em uma formação da vida e pela vida por um bem comum (ZWIEREWICZ, 2011).

Ao mencionarmos uma proposição ecoformadora amazônica, ela pode se estabelecer por se tratar de uma produção que se situa a partir de um olhar interligador e de mudanças que se encontra em um dos estados da Amazônia Legal, o Tocantins.

Produções com esse olhar, que reconhece e valoriza a sua história e o seu espaço, tem sido cada vez mais presente, pois valoriza as construções científicas e do ser humano enquanto ser que faz a própria história como parte de um processo de produção no contexto amazônico.

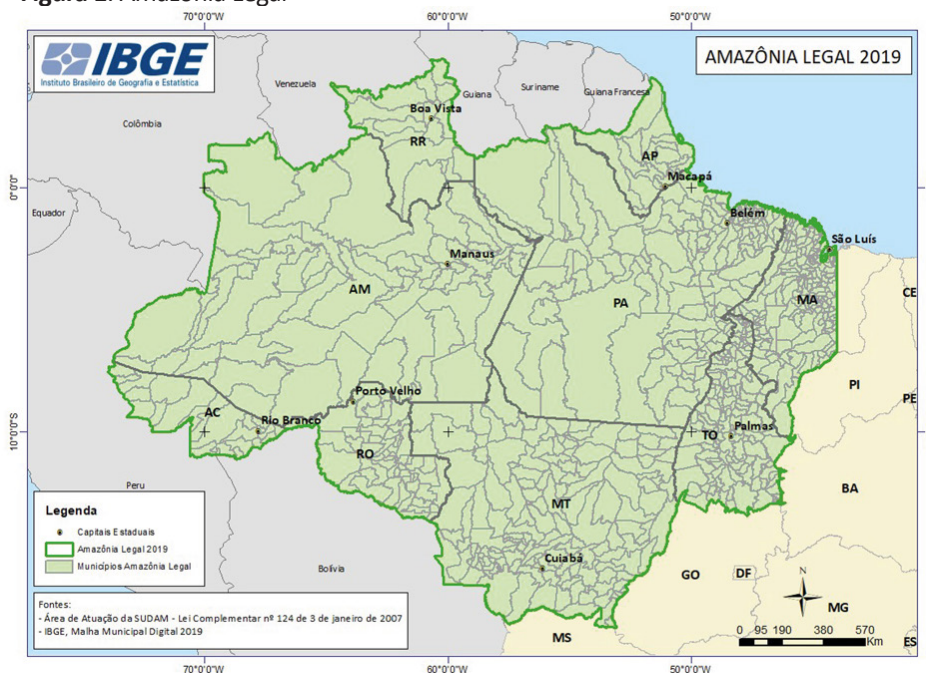
Esse ponto se torna importante por revelar que um olhar não é neutro e que a produção na e da Amazônia se constitui a partir da intensificação da construção dialógica aqui proposta. Esse diálogo se forma a partir do contexto e da perspectiva de conexão apresentada pela ecoformação e por autoria amazônica.

Nesse sentido, Sachs (2008) afirma que a dependência do ser humano com os recursos naturais faz deles “seres amazônicos”. Isso, principalmente no que se refere à riqueza da Amazônia, em específico à hídrica, devido à sua gradativa escassez em outros lugares do planeta, demonstrando assim, nesse caso, a interdependência entre o homem e a Amazônia.

A dimensão amazônica é bem expressiva, pois, como Aragón (2018) explicita, a Amazônia tem uma superfície que ultrapassa 7 milhões de km<sup>2</sup>, e o seu território é composto por um departamento francês e mais oito países, sendo eles: Brasil, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Guiana, Suriname, Equador, Peru e Guiana Francesa. Vista de forma global, poderíamos perguntar se todos compõem a Amazônia ou são as Amazonas? Entretanto, sendo uma ou várias, cada região tem a sua soberania e a sua diversidade.

Essas regiões ou esses países compõem a Amazônia a partir de três critérios, ou seja, o hidrográfico, o ecológico e o político-administrativo (ARAGÓN, 2018). Quanto ao critério político-administrativo, no Brasil, a região amazônica foi denominada de Amazônia Legal, “instituída pela Lei 1.806, de 06/01/1953, com o objetivo de definir a delimitação geopolítica com fins de aplicação de políticas de soberania territorial e econômica para a promoção de seu desenvolvimento” (IBGE, 2019). Ela é composta pelos estados: Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão, conforme mostra a Figura 1:

**Figura 1. Amazônia Legal**



Fonte: IBGE (2019).

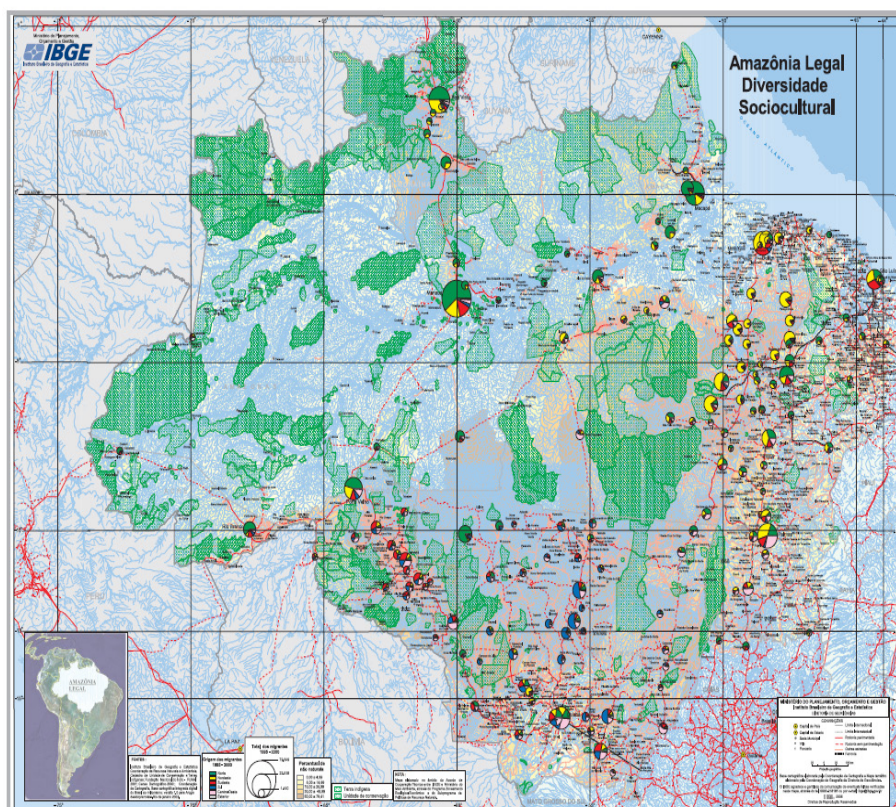
De acordo com a Figura 1 e ao que já nos referimos acima, são nove estados que compõe a superfície da Amazônia Legal, que se aproxima de 5.015.067,749 km<sup>2</sup>, correspondendo a 58,9% em relação aos 8.510.295,914 km<sup>2</sup> de todo o território brasileiro (IBGE, 2019). Segundo Aragón (2018), dentre os três critérios de delimitação da região amazônica no Brasil, a Amazônia Legal tem a representação dos três, ou seja, o hidrográfico, o ecológico e o político-administrativo. O primeiro pela presença da Bacia Amazônica, constituída pelo rio Amazonas e seus afluentes; o segundo pela úmida Floresta Tropical e pelas temperaturas elevadas; e o terceiro pelas delimitações da região mediante a legislação ou as divisas administrativas (ARAGÓN, 2018).

Quanto à população da Amazônia Legal, em 2010, ela correspondia à 73,48% da Amazônia (312.987.649) e em relação a todo o Brasil, a população da Amazônia Legal correspondia à 13,35% da população do País (190.755.799), de acordo com o estudo realizado por Aragón (2018). A origem da população que faz parte da Amazônia brasileira não é exclusiva da própria região, mas de várias regiões do Brasil e até mesmo de outros países.

Com essa multiplicidade de pessoas, também se apresenta a diversidade sociocultural, que se constitui a partir das relações e dos contextos vivenciados em outros lugares e na própria região em que se estabeleceram. Morin (2015b), afirma que a construção da autonomia do ser humano é interdependente com a própria cultura. A epistemologia da complexidade reconhece a importância da percepção da multidimensionalidade humana e da multiplicidade de cenários que os envolvem como um todo. O ser humano busca em seu próprio meio as interconexões através da educação, da cultura, do social, da linguagem, dentre outras, para se estabelecer com certa autonomia em diferentes contextos (MORIN, 2015b).

Quanto à especificidade do contexto aqui abordado, Colares (2011, p. 189) explicita que “a composição humana amazônica é dinâmica, múltipla, e em vários aspectos, singular, e ainda pouco conhecida, especialmente se considerarmos a amplitude do território e as grandes irregularidades na presença humana”. Em relação à diversidade sociocultural, o IBGE (2019) disponibilizou um mapa demonstrando a origem da população das áreas que compõe a Amazônia Legal, conforme demonstra a Figura 2:

**Figura 2.** Amazônia Legal: Diversidade Sociocultural





**Fonte:** IBGE (2019).

Para uma visão ampliada dessa diversidade apresentada no mapa, é possível usar a ferramenta de *zoom* no *site* do IBGE<sup>1</sup>, pois diante da sua multiplicidade e extensão, o espaço de um artigo não comporta tal detalhamento, mas mesmo assim sinaliza a grande dimensão de pessoas de outras regiões que se tornaram amazônidas. Esse contexto de imensa diversidade desperta para a necessidade de um repensar formativo, pois refletir sobre a Amazônia, especificamente sobre a Amazônia Legal, “implica reconhecer a complexidade que se expressa na sua vasta territorialidade. Trata-se de um conceito construído, arbitrário, carregado de intencionalidades e de historicidade” (COLARES, 2011, p. 189).

Olhando para esse mapa, vários questionamentos surgem, como: quantas mudanças se fizeram necessárias para que as pessoas se adaptassem à região amazônica, principalmente no contexto educacional, ou ainda quantas interferências eurocêntricas foram impostas nesse cenário?

Esses povos amazônidas, seja de origem ou por uma transformação realizada pela vivência de vários anos, se reconhecem como parte dessa Amazônia brasileira, mesmo em meio às diversas desigualdades que se processam na região norte do país. Dentre tantos outros, o campo educativo amazônico também sente a dor do descaso, da falta de recursos, além de muitas outras ausências. Entretanto, com os desafios de um povo que luta, a mudança do olhar, do ser e do fazer emerge como um dos elementos que compõe o contexto educativo, ou seja, um contexto de formação da vida, e por isso a luta é eminente.

Assim, também a busca em superar a linearidade “implica o cuidar para que a vida natural não morra, para uma educação que vise à superação da fragmentação, em que o ser humano seja parte de um todo, não viva isolado” (SOUZA; PINHO, 2016, p. 1918). São mudanças desafiadoras que precisam partir de dentro para fora, para então religar o que foi separado, sendo “a unidade e a complexidade humanas, reunindo e organizando os conhecimentos dispersos nas Ciências da Terra, nas Ciências Humanas, na Literatura e na Filosofia, e mostrar a ligação indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo” (MORIN, 2015a, p. 141).

Ao se tratar de desafios e mudanças do cenário educacional, em específico da parte formativa, a perspectiva ecoformadora se delinea como possibilidade na amplitude de uma formação que tenha como sentido de ser a própria vida e como objetivo efetivar-se em prol dela. Nesse sentido, a ecoformação vai além do pensamento que paira pela existência do ser humano, pois a vida é muito mais ampla que a humanidade. Ela se interconecta com o todo do planeta em suas múltiplas interdependências, isto é, com a multiplicidade do meio ambiente, dos animais, dos seres humanos, de todos os seres vivos, ou ainda, o todo planetário.

## **Perspectiva ecoformadora amazônida: desafios e possibilidades**

Apresentar uma visão ecoformadora já é um desafio, mas trazer uma reflexão sobre a perspectiva ecoformadora amazônida torna-se mais desafiador ainda, pois muitos elementos são colocados como pontos de decisão, reflexão e atitude para a proposição de efetivá-la no cenário educativo da Amazônia Legal, como nosso espaço de vida e de formação.

Nesse sentido, a ecoformação, como um dos eixos formativos apresentados por Navarra (2008), se propõe como uma formação integral do ser humano, que se processa por meio da interconexão entre o eu, si mesmo, o outro, ou os outros, e o meio ambiente.

Pensar em uma ecoformação é pensar nessa tríade interligadora que abrange desde a formação humana à formação profissional, não se separando uma da outra, pois estão imbricadas quando se tratar da vida humana e natural. Para Moraes (2019, p. 119-120), a ecoformação

<sup>1</sup> Para uma visão mais detalhada acesse o site: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa425>.

[...] acontece a partir de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar que considera o sujeito em sua multidimensionalidade, inserido em um contexto social, ecológico e espiritual, mediado pela cultura que o rodeia e com a qual interage constantemente.

A ecoformação se constitui a partir das bases epistemológicas do pensamento complexo ao apresentar a necessidade de uma formação religadora entre o eu, o outro e o meio ambiente, assim como ao perceber as conexões existentes na multiplicidade de cada situação, de cada contexto, de cada dimensão (MORIN, 2015b).

Além disso, também se compõe através da epistemologia e da metodologia da transdisciplinaridade ao reintroduzir o sujeito, o terceiro incluído, que traz a conexão do que está entre e além dos campos disciplinares, valorizando os diversos saberes e um ser que sente, pensa, reflete e se interconecta com a vida (NICOLESCU, 1999). Nessa conexão com a ecoformação, a transdisciplinaridade apresenta a proposição de elementos que contribuam para compreensão do mundo atual, com possibilidades de transitar entre diferentes campos e de reconhecer os saberes construídos além da ciência (NICOLESCU, 1999).

São reconhecimentos que muitas vezes valorizamos no seio familiar ou nas caminhadas da vida, pois transitamos em diversos meios, mas, no meio acadêmico, fazemos o inverso, pois os desconsideramos por não serem ou estarem em padrões científicos. Entretanto, com a transdisciplinaridade, essa possibilidade se torna real ao incluirmos oficialmente os diversos saberes dos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, e ao mesmo tempo conectando nossos estudos a eles.

As diferentes conexões com a vida vão além da humana, como dito anteriormente, levam a retomar a tríade ecoformadora proposta entre o eu, o outro e o meio ambiente. Para Galvani e Pineau (2012, p. 217) é uma formação complexa que busca “[...] aprender a reconhecer o concreto do princípio dialógico presente nas relações de autonomia/dependência que acontece nas interações entre o si (auto), o outro (socio) e o cosmos (eco)”. Ao considerar essa interligação, logo vem o pensamento: como cada elemento dessa tríade se conecta entre si? Ao mesmo tempo, podemos pensar primeiro sobre quem é esse eu e esse si mesmo. Além disso, podemos nos perguntar: o que desse si mesmo é considerado, para ser tratado com tamanha importância na composição da perspectiva ecoformadora?

Para tentarmos esclarecer essa indagação, recorreremos a Navarra (2008) que apresenta o conceito de “dintorno”, ou seja, esse olhar para dentro de si mesmo. Por muito tempo, a ciência eliminou o ser que pensa, sente, além de suas percepções, concepções, projetos, passado, sonhos, relações, desafios interiores, ideias, etc. Essa dimensão interior única hoje é retomada por novos estudos, especificamente os transdisciplinares, que revelam que esse sujeito precisa ser reconhecido, bem como que esse “eu” faz parte de um contexto exterior, no qual estão imbricados os motivos de muitas de suas atitudes. Negar essa dimensão, isto é, o “si mesmo”, é negar a existência do indivíduo, é negar o ser que realiza a pesquisa, que faz a ciência, que decide os caminhos a percorrer, que move o externo, que se movimenta, enfim, que vive.

Ao pensar em uma formação, é preciso valorizar essa existência, assim como reconhecer a multidimensionalidade do ser, o seu “dintorno”, pois a desvalorização desse “eu” interior é consequência da anulação de si mesmo e consequentemente se expressa no exterior. Dessa maneira, vem a importância do reconhecimento do outro, o que nos leva a perguntar quem seria, ou é ele.

A multiplicidade é percebida na valorização desse outro. Se falarmos do âmbito educacional, podemos usar como referência o contexto escolar em que o outro, ou os outros, pode ser os alunos, os professores, os gestores, os pais, a comunidade educativa, a comunidade local. Entretanto, se formos um pouco mais específicos, podemos pensar também quem são esses alunos, de onde vêm, quem são esses professores, gestores, ou seja, quem são os integrantes da comunidade educativa.

Ao nos abirmos para as possibilidades e conexões com as diferentes existências, olhamos para o nosso contexto amazônico, que é composto por ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pescadores, comunidades urbanas, muitos dos quais estão à margem da sociedade. A partir disso, sugerimos que se imagine ou se lembre de uma formação que não se conecte com o outro, ou

os outros, que se efetive sem o reconhecimento do contexto do outro que compõe esse cenário formativo. Agora, imaginemos o inverso, ou seja, um processo formativo que leve em consideração essa conexão com o outro, ou com os outros que compõe o seu universo, em que se pense na realidade de um espaço amazônico diverso como o que temos na Amazônia Legal.

Esse processo é importante, pois “cada um de nós, como indivíduos, trazemos em nós a presença da sociedade da qual fazemos parte. A sociedade está presente em nós por meio da linguagem, da cultura, de suas regras, normas, etc” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 34). Ao mesmo tempo em que é importante reconhecer o contexto externo desses outros elementos da sociedade, também é necessário conectar com o “dintorno” que constitui esse outro, a sua multiplicidade interna e externa, assim como a historicidade, as desigualdades, os contextos, as relações socioculturais, as situações socioeconômicas pelas quais passa, dentre tantas outras circunstâncias que se fizerem presente em sua vivência.

Além da conexão entre si mesmo e o outro, também se integra a essa tríade ecoformadora, sem hierarquização, a interligação com o meio ambiente, isto é, com o nosso entorno. Moraes e Torre (2004, p. 157), afirmam que a relação humana com o meio ambiente “é de dependência mútua e que a vida humana, ao mesmo tempo em que influencia, é também influenciada pelo meio ambiente que, por sua vez, muda de acordo com a vida que ele sustenta”.

Nesse sentido, Navarra (2008) traz a discussão sobre o meio ambiente global com a conexão com o entorno e apresenta dois tipos de entornos, o artificial e o natural. O entorno artificial já se justifica pelo próprio termo, mas, detalhando um pouco, se refere à arquitetura que se encontra em sua maior parte no meio urbano e um pouco menos em outros lugares. A arte, em diferentes espaços, faz parte também do entorno artificial, dentre outras produções que complementam os cenários da vida humana. O entorno natural está relacionado aos recursos naturais que estejam direta ou indiretamente ligados à sobrevivência humana, como exemplos pode citar a água que consumimos, o ar que respiramos, os alimentos que nos sustentam, dentre vários outros recursos.

Embora seja claro o significado da expressão “natural”, existem estudos que apresentam alguns conceitos que envolvem os termos natureza, meio e meio ambiente. Para Ribeiro e Cavassan (2013), a natureza é a sua apresentação real, o conjunto de tudo que a compõe, da forma como é. Já o meio ambiente é a representação que o ser humano dá em relação à natureza. Assim, os autores afirmam que a existência da natureza independe do ser humano, entretanto o meio ambiente passa a existir a partir dele, na medida em que pensa sobre a natureza, que a interpreta, que visualiza essa relação.

Considerando esses estudos referentes ao meio ambiente, podemos refletir sobre o meio ambiente amazônico, com o qual propomos interconectar para pensarmos nessa ecoformação que interliga o individual, o social e o entorno. Ao levarmos essa reflexão para o contexto que anteriormente exemplificamos, logo podemos reconhecer diferentes tipos de ambiente que envolve cada pessoa. É importante considerar cada ambiente da Amazônia, uma vez que a diversidade amazônica é múltipla e fazem parte da vida que a compõe.

De forma mais detalhada, podemos considerar algumas partes da região amazônica brasileira, a nossa Amazônia Legal, como exemplo o que envolve o entorno do ribeirinho, da aldeia, do urbano, das comunidades em geral. Assim sendo considerado, qual é o entorno de cada um desses espaços que fazem parte da vida da comunidade desse contexto escolar? Como cada entorno pode influenciar na vida dos envolvidos? Essas indagações nos despertam, para além da mudança do pensamento, para atitudes, pois “ecoformar é buscar promover, construir a educação para o desenvolvimento sustentável associada a uma educação da solidariedade, do compromisso com o planeta e todos seus habitantes” (SUANNO, 2014, p. 175).

Esse olhar desperta para a ampliação dos horizontes e o reconhecimento do quanto se pode interferir direta ou indiretamente nesse outro, humano e natural, que compõe o espaço formativo. A partir dessa visão, poderíamos dizer que, nesse espaço ecoformativo que adentra o contexto amazônico brasileiro, é importante que a formação do ser humano seja integral, conectada com o entorno, isto é, que seja para uma cidadania planetária.

## Considerações Finais

A proposta deste artigo foi refletir sobre uma perspectiva ecoformadora amazônica em contexto educacional. A reflexão nos moveu pelo caminho do reconhecimento da diversidade que envolve a vida do ser humano no cenário amazônico conectado a esse contexto.

As reflexões que apresentamos nesse artigo serão aprofundadas em estudos futuros que envolvam a perspectiva ecoformadora, que assim se constituem ao considerar as interconexões entre o ser humano, a sociedade e o planeta de forma indissociável, uma vez que o ser é reconhecido na sua vivência e produção do conhecimento. A partir dessa valorização do ser, das suas conexões com o outro e com a sociedade vem o reconhecimento da importância em se dar visibilidade a interconexões com diferentes contextos e povos, fortalecendo assim as lutas contra as desigualdades. Essa valorização parte da mudança das mentalidades, pois como mudar ou estabelecer políticas de mudanças se continuarmos com os mesmos pensamentos preconceituosos, eurocêntricos e individualistas?

Essas mudanças fazem parte das conexões com o meio ambiente e, por se tratarem das relações com a nossa região amazônica, especificamente, são elementos que constituem diferentes contextos que envolvem o cenário formativo educacional, que propusemos como exemplo de diálogo ecoformativo. Somos partes de um todo com o meio ambiente, compondo assim uma cidadania maior, a cidadania planetária.

## Referências

ARAGÓN, L. Eduardo. A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. **Revista NERA**. Dossiê Amazônia, [S. l.], v. 42, p. 13–33, 2018.

COLARES, Anselmo Alencar. História da educação na Amazônia. Questões de natureza teórico-metodológicas: críticas e proposições. **Revista HISTEDBR**, [S. l.], v. número esp. p. 187–202, 2011.

GALVANI, Pascoal; PINEAU, Gaston. Experiências de vida e formação docente: religando saberes – um método reflexivo e dialógico. *In*: MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição (org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak, 2012. p. 205–225.

GONZÁLES REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amazônia Legal**. 2019. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa425>. Acesso em: 26 dez. 2020 [não paginado].

MORAES, Maria Cândida. **Saberes para uma cidadania planetária: homenagem a Edgar Morin**. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de La. **Sentirpensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5 ed. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2015b.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raul Domingo. **Educar na era planetária**. São Paulo; Brasília: Cortez; Unesco, 2003.

NAVARRA, Joan Mallart i. Ecoformação: além da Educação Ambiental. *In*: TORRE, Saturnino de La;



MORAES, Maria Antônia; MORAES, Maria Cândida (org.). **Transdisciplinaridade e ecoformação**: um novo olhar sobre a educação. São Paulo: Triom, 2008. p. 2350260.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

RIBEIRO, Job Antonio Garcia; CAVASSAN, Osmar. Os conceitos de ambiente, meio ambiente e natureza no contexto da temática ambiental: definindo significados. **GÓNDOLA**, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 61–76, 2013.

SACHS, Ignacy. **Amazônia**: laboratório de biocivilizações do futuro. 2008. Disponível em: <https://outraamazonia.wordpress.com/2008/11/07/amazonia-laboratorio/>. Acesso em: 26 dez. 2020.

SILVA, Adan Renê Pereira da; MASCARENHAS, Aparecida do Nascimento. Implicações do pensamento decolonial para a educação amazônica. **Revista Multidebates**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 202–218, 2018.

SOUZA, Kênia Paulino de Queiroz.; PINHO, Maria José de. Criatividade e inovação na escola do século XXI: uma mudança de paradigma. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 4, p. 1906-1923, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n4.6636>. E-ISSN: 1982-5587.

SUANNO, João Henrique. Ecoformação, Transdisciplinaridade e Criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. *In*: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique (org.). **O pensar complexo na educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak, 2014. p. 171–182.

ZWIEREWICZ, Marlene. Formação docente transdisciplinar na metodologia dos projetos criativos ecoformadores – PCE. *In*: TORRE, Saturnino de La; ZWIEREWICZ, Marlene; FURLANETTO, Ecleide C. (org.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar**: criar e inovar com outra consciência. Blumenau: Letra Nova, 2011. p. 141–158.

Recebido em 31 de julho de 2022.

Aceito em 17 de outubro de 2022.